

# ORTODOXOS E HISTÓRICO-INSTITUCIONALISTAS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Comentário ao *paper* de Tony Lawson, “The Nature of Heterodox Economics”, apresentado ao X Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Política, Campinas, 27 de maio de 2005.

Tony Lawson vem realizando um extraordinário trabalho na área da metodologia econômica. Seus livros, *Economics and Reality* (1997) e *Reorienting Economics* (2003) constituem hoje referência fundamental na área, e já fazem parte de meu curso de metodologia científica para economistas. O trabalho apresentado por ele a este Encontro Nacional de Economia Política, “The Nature of Heterodox Economics”, é mais uma contribuição importante para a compreensão tanto da teoria econômica ‘ortodoxa’ quanto da ‘heterodoxa’. É um trabalho claro e ordenado, para tratar um assunto difícil. Contém, como ele próprio sugere, algumas teses. Embora ele fale em três, vejo sete teses.

As três primeiras teses referem-se à teoria econômica ortodoxa ou dominante. A primeira e a segunda são negativas: a teoria econômica ortodoxa não é uma simples ideologia legitimadora do sistema capitalista; e não é o estudo do comportamento econômico do indivíduo maximizador. Seria esse ponto que identificaria a teoria econômica ortodoxa com ‘teoria neoclássica’, e Lawson rejeita essa denominação, concordando com Colander et al., que a teoria econômica ortodoxa “está se afastando da estrita aderência à santíssima trindade – racionalidade, egoísmo, e equilíbrio” (7). Concorda também com Colander que a teoria econômica ortodoxa vem-se revelando dinâmica, capaz de mudar para fazer frente a novos problemas.

---

Este texto corresponde ao comentário que fiz ao *paper* de Tony Lawson, “The Nature of Heterodox Economics”, quando ele o apresentou no X Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Política, Campinas, 27 de maio de 2005.

Bresser-Pereira ensina teoria econômica na Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.

[www.bresserpereira.org.br](http://www.bresserpereira.org.br)

[lcbresser@uol.com.br](mailto:lcbresser@uol.com.br)

A terceira tese (que o autor afirma ser a sua primeira tese principal) define a teoria econômica pelo método. A teoria econômica ortodoxa é simplesmente aquela teoria que investiga os fenômenos econômicos usando o método matemático-dedutivo. A quarta tese consiste na crítica dessa abordagem metodológica: ela não é apropriada para lidar com o caráter ontológico da realidade social e econômica a ser estudada. Neste ponto, Lawson chega à sua tese mais geral em relação à teoria econômica, aquela que ele vem defendendo em seus livros, segundo a qual a realidade econômica deve ser estudada a partir de uma perspectiva ‘ontológica’, ou seja, de um método que reconhece e estuda a natureza e estrutura da realidade econômica como ela é.

Segundo essa perspectiva, o dedutivismo matemático, que a teoria econômica ortodoxa usa de forma imoderada, é incapaz de apreender a realidade ontológica dos sistemas econômicos. Por que? Porque o dedutivismo supõe a existência na realidade de sistemas econômicos ‘fechados’, nos quais é possível proceder um ‘fechamento de seqüências causais’. Nos sistemas fechados seria possível observar regularidades, analisá-las, e usá-las para previsão. Para isto, eles envolvem a pressuposição de que os elementos do sistema são isolados e atômicos. Ora, a realidade dos sistemas econômicos é outra: é a de sistemas abertos, que são dinâmicos ou processuais, cujos elementos estão interconectados e orgânicos, estão estruturados em camadas, envolvem valores, sentidos, e são polivalentes, de forma que as regularidades dos eventos não podem ser observadas com facilidade.

As demais teses referem-se à teoria econômica heterodoxa. A quinta tese é a de que a teoria econômica heterodoxa, embora diversificada, compreendendo diversas teorias como a pós-keynesiana, a velho-institucionalista ou evolucionista, a feminista, a marxista, a austríaca, etc, caracteriza-se, em uma primeira instância, pela rejeição da ênfase da teoria econômica ortodoxa na modelagem matemático-dedutiva.

A sexta tese é a de que as teorias econômicas heterodoxas têm em comum, em uma primeira instância, a sua orientação ontológica: “em resumo, o conjunto de projetos correntemente reunidos e sistematizados como heterodoxos, é, em primeira instância, uma orientação para a ontologia (*in ontology*)” (18).

Finalmente, a sétima tese de Lawson estabelece o projeto das teorias econômicas heterodoxas. Na medida em que toda a teoria econômica não é um conjunto de respostas

ou de princípios, mas um programa de pesquisas, “é esta orientação substantiva especial [ontológica] e as preocupações e ênfases [correlatas], não as respostas ou princípios, que distinguem as diversas linhas de pensamento heterodoxas uma das outras” (19). A partir dessa perspectiva, que vê o sistema econômico e a teoria econômica como obras abertas, Lawson conclui que cada linha, com sua respectiva ênfase, será programa de pesquisa válido.

Estou, em princípio, de acordo com a linha geral dessas proposições. Estou de acordo em distinguir a ortodoxia da heterodoxia pelo método; estou de acordo com a crítica de Lawson quanto ao caráter inapropriado do método matemático-dedutivista utilizado pela teoria econômica ortodoxa para estudar a realidade econômica que é essencialmente substantiva e social; estou de acordo quando Lawson afirma que a realidade que a teoria econômica estuda é constituída de sistemas abertos ao invés de fechados, e, portanto, de sistemas relativamente indeterminados. Finalmente, estou de acordo com a posição de Lawson de rejeitar a possibilidade da construção de uma teoria econômica única e absolutamente coerente, e de pensar nela mais como um programa de pesquisa do que como um conjunto de respostas ou princípios. O coerentismo ou busca da coerência a todo preço, presente no uso imoderado da matemática, e a tentativa de equiparar as ‘leis’ da sociedade às leis naturais, é arrogante e incompatível com as ciências sociais. Não temos outra alternativa senão a de ser razoavelmente coerentes e muito modestos.

### **Crítica**

Entretanto, tenho algumas discordâncias que merecem ser salientadas aqui. Elas derivam das idéias que desenvolvi em *paper* apresentado há dois anos neste Encontro, “Economics’ Two Methods”<sup>1</sup>. Em primeiro lugar, embora reconheça que a teoria econômica ortodoxa esteja em permanente mudança, e que seus aderentes mais pragmáticos procurem adaptá-la à realidade, me parece equivocado inferir daí que ela já não se caracteriza pelo uso dos pressupostos de racionalidade, egoísmo e equilíbrio. Essa inferência seria correta se admitíssemos que a teoria econômica é coerente, mas obviamente ela não é. Seus

---

<sup>1</sup> Bresser-Pereira (2003). Neste trabalho, no momento sendo revisado por mim, pretendo introduzir e aprofundar algumas das idéias que neste comentário eu apenas afluoro.

praticantes, porém, são suficientemente realistas para, com frequência, usarem modelos que não têm o fundamento microeconômico que o tornaria coerente. A regra de Taylor, por exemplo, é uma mera mas esperta regra prática. Outro exemplo: a teoria dos jogos afasta a hipótese da maximização, e re-introduz a necessidade da decisão. Mas isto não os leva a renunciar ao individualismo metodológico radical implícito no pressuposto do *homo economicus* e no correspondente uso do método hipotético dedutivo. Sabemos há muito que esse pressuposto é importante do ponto de vista ideológico da classe capitalista. Mas o que estou salientando aqui é sua ligação umbilical com o método hipotético dedutivo, que, por sua vez, será a condição básica possibilitando a tentativa de tornar a teoria econômica uma ciência matemática.

Esta última afirmação já deixa clara uma segunda diferença. Não me parece adequado caracterizar o método utilizado pelos economistas ortodoxos como apenas matemático-dedutivo. Concordo com o argumento de que esse método torna cada vez mais sofisticada e irrelevante a análise da realidade econômica, sendo, por isso mesmo, inadequado. Entretanto, entendo que, além de enfatizar o caráter dedutivo e matemático do método utilizado pela teoria econômica ortodoxa, é essencial caracterizá-lo como um método hipotético. É pelo fato de ser hipotético – de se basear na hipótese simples do indivíduo maximizador –, que ele pode ser tão matemático. O método da teoria econômica ortodoxa, portanto, é hipotético-dedutivo e matemático, ao invés de apenas dedutivo-matemático. Sem reconhecer e salientar o caráter hipotético-dedutivo da teoria econômica ortodoxa ou neoclássica é impossível entender porque os economistas ortodoxos se julgam habilitados a usar de forma tão abusiva a matemática. Não basta argumentar que eles pressupõem o sistema econômico como sendo um sistema fechado. É preciso explicar porque eles podem adotar esse pressuposto. Ora, a resposta para essa pergunta já se encontra no ensaio clássico de Stuart Mill, de 1830, sobre o método na economia. Para que a teoria econômica pudesse ter a precisão da matemática, para que ela pudesse não apenas usar a matemática mas nela se espelhar, ela deveria ser hipotético-dedutiva, partindo do pressuposto do indivíduo maximizador, do *homo economicus*. Não basta argumentar, como faz Lawson, que os sistemas fechados que usam envolvem elementos isolados, atômicos, e supõem a possibilidade de regularidades econômicas muito mais ‘regulares’ do que é razoável admitir na realidade social e econômica. Os economistas ortodoxos não usam a matemática para tratar de regularidades que, para a grande maioria deles, não são relevantes, como não é relevante a própria realidade empírica. O que é relevante é o

modelo matemático deduzido logicamente do pressuposto adotado, em princípio, do *homo economicus*. O que interessa a eles, quando são ‘rigorosos’, é desenvolver modelos a partir da hipótese da racionalidade maximizadora. Esquecendo-se que a matemática é uma ciência metodológica, e a economia uma ciência substantiva, o que interessa a eles, seguindo a tradição de Descartes e de Kant, é aproximar a teoria econômica da matemática, que seria o parâmetro de todas as ciências.

Minha terceira crítica, embora tenha um elemento semântico, não é meramente terminológica. Embora concorde integralmente com o caráter substantivo da ciência econômica, não me atrai a idéia da ‘ontologia’ aplicada à teoria econômica. Na classificação geral de ciências que uso, distingo as ciências metodológicas (matemática, estatística, econometria) das substantivas (ciências naturais e ciências sociais). Ciências substantivas e ciências ontológicas são praticamente a mesma coisa. Nestes termos, não tenho objeção quanto ao conceito de ontologia. Pelo contrário, dou-lhe boas vindas, porque ele ajuda a entender que a economia não é uma ciência metodológica, mas uma ciência da realidade, do ser. Entretanto, essa terminologia apresenta dois problemas. Em primeiro lugar, ao se aplicar tanto às ciências naturais quanto às sociais, ela nos levaria novamente a confundir as duas. Em segundo lugar, porque ao falar em ‘método ontológico’ fazemos confusão entre o objeto da pesquisa, que sem dúvida é a realidade, e o método de estudá-la.

A mim me parece mais razoável dizer que as ciências naturais e sociais são ciências substantivas ou ontológicas, e advogar para elas o uso de um método empírico – um método que parte dessa realidade para compreendê-la. Um método inicialmente empírico ou indutivo. Entretanto, como observa Peirce, a indução é também o método que pode nos levar a erros – erros que só corrigiremos e chegaremos à ‘certeza indutiva’ se persistirmos na pesquisa. Por isso, além da inferência pela indução, devemos considerar, mais modesta e pragmaticamente, a inferência pela ‘abdução’, de Peirce. Neste caso, a partir dos fatos o cientista infere, conjectura, imagina, não leis gerais mas hipóteses, tendências, possibilidades.<sup>2</sup> Em seguida, porém, o economista deverá explicar os fatos que encontrou, as hipóteses que formulou, ou seja, relacionar de maneira lógica as diversas observações empíricas que fez. Nessa tarefa, ele usará toda uma série de conceitos *a priori*

---

<sup>2</sup> Charles S. Peirce, (1906 [1958]: 368-371). Peirce chama também a abdução de retrodução.

de que já dispõe. Nestes termos, deverá também fazer inferências do geral para o particular, ou seja, deverá usar da dedução. E por isso, o método que ele usa para compreender a realidade econômica e social será necessariamente, além de histórico, dedutivo: histórico-dedutivo. Será através da observação da realidade empírica submetida à inferência indutiva e principalmente abdutiva, combinada com conceitos abstratos *a priori*, que poderá deduzir generalizações, tendências, quase-leis (que nós economistas chamamos inadequadamente de ‘leis’, como a da oferta e da procura) e, assim, fazer ciência econômica.

No caso das ciências sociais, porém, ao invés de falar em um método empírico-dedutivo, é melhor falar em método histórico-dedutivo. A realidade que o economista estuda é sempre uma realidade histórica. É uma realidade social em processo de mudança, em que os eventos se interconectam não apenas formando um sistema de elementos simultâneos, mas também constituindo-se em uma história de eventos que se sucedem no tempo, o evento atual dependendo do anterior e, em parte, determinando o posterior. A realidade empírica do economista é, portanto, uma realidade histórica. Ou, como observa Lawson, uma realidade caracterizada de um lado pela abertura e a inter-relacionalidade, de outro pela processualidade.

Além disso, porém, essa realidade é socialmente construída. A mudança implica um contínuo processo de construção social, de um lado de ideologias – e a própria teoria econômica, tanto a má quanto a boa, tem muito de ideológico –, de outro de instituições. Na medida em que a realidade social em que vivemos é cada vez mais socialmente construída, é cada vez mais pautada por idéias ou ideologias e regulada por instituições, não há outra alternativa senão considerar no sistema econômico as instituições. O próprio Estado, que é a matriz das demais instituições formais, é ele próprio uma instituição. E o mercado e o dinheiro, as duas principais realidades da teoria econômica, além dos próprios agentes econômicos e das mercadorias, que outra coisa são senão instituições? Por isso o método, além de histórico-dedutivo, deverá ser institucional. Um método de investigação econômica que não seja histórico e que não leve em conta o produto principal da história, que são as instituições, não produzirá resultados.

Isto não significa, porém, que o método hipotético-dedutivo utilizado pela teoria econômica neoclássica não tenha utilidade. Se essa utilidade não existisse, seu principal produto – a microeconomia – não faria sentido. O método hipotético dedutivo é o método

por excelência da matemática, ou, mais amplamente, das ciências metodológicas, que nos fornecem instrumentos para pensar. Dessa forma, se entendermos a teoria microeconômica, inclusive o modelo de equilíbrio geral, não como uma análise do sistema econômico real mas como uma ferramenta para analisá-lo, podemos entender o caráter subsidiário mas de qualquer forma relevante que ele deve ter na boa teoria econômica. No momento, porém, em que o economista ortodoxo não reconhece a existência dos dois métodos da teoria econômica, nem distingue a construção de ferramentas ou modelos particulares da teoria econômica propriamente dita, que é a análise e generalização de como funcionam os sistemas econômicos concretos, ele estará fadado a fazer má teoria econômica.

Em resumo, o método altamente matemático da teoria econômica ortodoxa deriva de sua opção pelo individualismo metodológico radical, de caráter hipotético-dedutivo. É através do estratagema do uso de um método hipotético que essa teoria pode se aproximar da matemática. Não podemos, portanto, esquecer o caráter hipotético do método ortodoxo. Por outro lado, ao invés de falar em ontologia, é melhor falar em método histórico-dedutivo. É esse método que se opõe ao hipotético-dedutivo e matemático. A crescente irrelevância da teoria econômica ortodoxa ou dominante deriva do fato de seus adeptos, de um lado, tentarem se manter fiéis a um individualismo metodológico radical, baseado no indivíduo maximizador (ou seja, em sua insistência em serem neoclássicos), e, de outro lado, aspirarem construir uma ciência espelhada na matemática, e, por isso, plenamente precisa e coerente. A partir dessas duas aspirações inconsideradas, eles adotam um método que os leva a modelos eventualmente ‘bonitos’ porque coerentes logicamente, mas tão abstratos e irrealistas que se tornam irrelevantes. Ou então a modelos que servem apenas como ferramentas, não como a própria análise do objeto da ciência econômica: o sistema econômico.

Por outro lado, vimos que essa teoria dominante só não se torna totalmente irrelevante (e ideológica) porque seus praticantes são pragmáticos o suficiente para saberem que devem oferecer aos agentes econômicos modelos com um mínimo de capacidade de previsão, e que, para isso, não hesitam em, na prática, esquecer a busca de plena coerência, sem, entretanto, renunciar a pretendê-la. Dessa forma, entre outras estratégias, praticam a clássica ‘restrição mental’ que os jesuítas há muito inventaram para poderem agir de acordo com seus objetivos e não com suas convicções.

Lawson está certo em afirmar que as teorias econômicas heterodoxas têm em comum o fato de rejeitarem o uso abusivo da matemática. Se elas pretendem ser mais realistas, e fazer a análise do sistema econômico ao invés de simplesmente construir ferramentas para analisá-los, elas não têm alternativa senão limitar o caráter hipotético-dedutivo e matemático de seu trabalho. Pagam, entretanto, um preço para isto. Não podem, por exemplo, alcançar a generalidade do modelo de equilíbrio geral. Esse preço, porém, vale a pena pagar, porque, assim, podem alcançar uma visão do sistema econômico como um todo, podem vê-lo como um sistema aberto, relativamente indeterminado, mas que é um sistema orgânico, cujos elementos se interconectam obedecendo a algumas lógicas. A expressão ‘orgânico’ tem origem na biologia, mas esta é uma mera metáfora. O sistema econômico é um sistema social, não um sistema biológico, mas tem em comum com os sistemas orgânicos o fato de que, dependendo das circunstâncias externas e internas a ele, de sua maior ou menor capacidade de se adaptar ao ambiente, lógicas virtuosas ou perversas o animam, tornando-o ora sadio, coeso, estruturado e dinâmico, ora doente, desunido, desestruturado, e sem vigor.

### **Escola Histórico-Institucionalista**

Para concluir este comentário, porém, quero me manifestar sobre a denominação ‘heterodoxo’. Da mesma forma que os economistas ortodoxos não gostam de ser chamados dessa forma, preferindo falar em ‘mainstream’, ou seja, em teoria econômica dominante, eu também não me sinto à vontade com essa marca, que me torna referente ao ortodoxo. Meu objetivo é que teorias econômicas histórico-dedutivas e institucionalistas se tornem dominantes. Sei bem que o obstáculo para isto está na tese de Marx que toda teoria dominante é a teoria da classe dominante. Mas a teoria econômica ortodoxa identifica-se cada vez menos com os empresários e a classe média profissional, e é, cada vez mais, a expressão de um capitalismo financeiro e rentista, de forma que não há razão para imaginá-la eternamente dominante.

Como entendo que estudamos teoria econômica para poder intervir de forma prática na realidade, prefiro falar em teoria econômica ‘histórico-institucionalista’, ao invés de heterodoxa. Se me perguntassem pessoalmente qual a minha escola de economia, eu diria, em um nível de abstração mais baixo, que combino a economia clássica do desenvolvimento com macroeconomia keynesiana, e, em um nível ainda menos abstrato,



que, no plano da estratégia do desenvolvimento, sou um ‘novo desenvolvimentista’. Entretanto, em um plano mais geral, faço parte do grande arco de economistas histórico-institucionalistas, que utilizam principalmente o método histórico-dedutivo para compreender a realidade social, e apenas subsidiariamente o método hipotético-dedutivo. Através desse método, o economista histórico-institucionalista descobre novas relações, visualiza tendências, descobre modestas ou imperfeitas regularidades, e faz generalizações, constrói teorias. E, sempre que possível, busca, *a posteriori*, os motivos racionais por trás dos comportamentos. O fato de não fazer sentido procurar compreender o sistema econômico a partir de um fundamento microeconômico único não significa que não se possa nem se deva buscar para as regularidades e tendências observadas motivações racionais.

A partir dessa perspectiva ampla, são economistas histórico-institucionalistas não apenas os economistas que hoje se opõem à teoria econômica ortodoxa, mas grandes economistas como Smith, Marx, Schumpeter (apesar de sua retórica oposta), Keynes e Furtado. Entre eles, Keynes foi provavelmente aquele cuja contribuição foi mais decisiva, porque foi ele o primeiro a construir um modelo do sistema econômico – o modelo macroeconômico – a partir, essencialmente, de um método histórico-dedutivo. Keynes não fez ‘armchair economics’, não se sentou em uma poltrona e deduziu todo o seu modelo macroeconômico, mas observou a realidade da sua época, a Grande Guerra, o Tratado de Versalhes, as hiperinflações, a grande depressão – e daí derivou sua teoria. Ao fazê-lo, pensou o sistema econômico sempre como um sistema aberto. E, pragmaticamente, pensou em um sistema que permitiria a intervenção do homem, que permitiria que novas instituições fossem criadas – não apenas as instituições mais gerais, que garantem o funcionamento do mercado, mas instituições específicas, pontuais: as políticas econômicas.

Dessa forma, ao invés de dividir os economistas entre ortodoxos e heterodoxos, estou propondo dividi-los entre hipotético-dedutivos ou ortodoxos e histórico-institucionalistas. Devo, entretanto, fazer uma última ressalva. Não se deve inferir da análise que fiz neste comentário, como certamente Lawson não infere, que apenas os economistas da segunda escola são bons economistas. Há bons economistas também entre os hipotético-dedutivos, especialmente quando eles deixam de lado esse método e se tornam, na prática, histórico-institucionalistas. De acordo com essa perspectiva, há um

critério que distingue o bom do mau economista. Este não consegue ultrapassar o estágio da mera construção de ferramentas, não consegue pensar a economia senão como um conjunto de modelos que eventualmente estejam coerentes com o modelo de equilíbrio geral, enquanto que o bom economista, usando o método histórico-dedutivo, é capaz de pensar o sistema econômico como um todo.

Esta, porém, é uma outra estória. Termino este comentário com meus parabéns à diretoria da SEP, que trouxe Tony Lawson para o nosso convívio, e a ele, pelo magnífico *paper* que apresentou.

### Referências

Bresser-Pereira, Luiz Carlos (2003) “Economics' Two Methods”. *Paper* apresentado ao VIII Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Política Florianópolis, 19-20 de junho de 2003. Revisado em 2005. Disponível em [www.bresserpereira.org.br](http://www.bresserpereira.org.br).

Lawson, Tony (1997) *Economics and Reality*. Londres: Routledge.

Lawson, Tony (2003) *Reorienting Economics*. London: Routledge.

Lawson, Tony (2005) “The Nature of Heterodox Economics”. *Paper* apresentado ao X Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Política, Campinas, 27 de maio de 2005. A ser publicado conjuntamente pelo *Cambridge Journal of Economics* e pela *Revista de Economia Política*.

Mill, John Stuart (1830 [1974]) “Da Definição de Economia Política e do Método de Investigação Próprio a Ela”. In *Os Pensadores XXXIV – Bentham e Mill*. São Paulo: Editora Abril, 1974: 289-315.

Peirce, Charles S. (1906 [1958]) “A Neglected Argument for the Reality of God”. In Charles S. Peirce (1958).

Peirce, Charles S. (1958) *Selected Writings*, edited by Philip P. Wiener. Nova York: Dover Publications.